

## **VOZES POÉTICAS DE MATO GROSSO: HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE**

Adriana Lins PRECIOSO<sup>10</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho traz resultados parciais do projeto intitulado: “Transculturação e poéticas contemporâneas: traços identitários da cultura de Mato Grosso” – financiado pela FAPEMAT<sup>11</sup> – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso. A pesquisa tem como objetivo estudar o movimento de transculturação em obras poéticas da atualidade e o modo que elas influenciam na formação da identidade cultural em Mato Grosso. Investigando os traços formadores das identidades poéticas que divulguem a diversidade e o multiculturalismo como resultante dos processos migratórios e perpetuados pela arte desenvolvida nas diferentes regiões matogrossenses, tendo em vista o papel do artista enquanto sujeito transculturador, por meio de análise crítica e comparativa de obras que potencializem a expressão artística local e contemporânea, em diálogo com a cultura estabelecida pela tradição. Na voz poética serão apresentados poemas de Dom Pedro Casaldáliga, Aclyse de Mattos e Marli Walker. A literatura, enquanto discurso provido de uma linguagem artisticamente elaborada engendra em seu bojo o movimento de identidade e diferença. A expressão viva da língua em suas facetas oral ou escrita gera perspectivas identitárias pelo seu uso e é na literatura que essa expressão cria linhas imaginárias que se movimentam e dão contorno e forma a um povo, a uma determinada região ou país.

**PALAVRAS-CHAVE:** transculturação; poesia contemporânea; identidade; Mato Grosso.

### **O contexto do projeto**

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais do projeto “Transculturação e poéticas contemporâneas: traços identitários da cultura de Mato Grosso” fomentado pela FAPEMAT – Fundação de Amparo a Pesquisa de Mato

---

<sup>10</sup> Professora Adjunta do Curso de Letras da FAEL – Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso/Câmpus de Sinop. Endereço: Rua dos Angicos, n. 700 – Jardim Imperial, Sinop-MT – Brasil - CEP: 78555-012. Email: [adrianaprecioso@unemat.br](mailto:adrianaprecioso@unemat.br)

<sup>11</sup> Agradeço a CAPES (processo 404680/2013-5) e a FAPEMAT (processo 151442/2014) e (processo 164026/2012) pelo fomento para o desenvolvimento do projeto.

Grosso, iniciado em 2013. A proposta desta pesquisa busca evidenciar a literatura como expressão de cultura que formaliza um bem social, o qual precisa ser conhecido e apreciado como manifestação local, do tempo e dos sujeitos que dela participam. Todavia, o processo de valoração e reconhecimento da literatura, principalmente, pela linguagem poética tem sido relegada ao plano da futilidade, da incompreensão e da inutilidade. Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Italo Calvino já advertia para o perigo de se perder uma das mais maravilhosas faculdades humanas: “a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens. [...]” (1990:107-8).

Deste modo, o projeto tenciona contribuir pelo viés científico desenvolvido na academia com a divulgação das ações culturais produzidas nesse estado. A preservação de uma memória, a consolidação de uma identidade, não mais nos padrões tradicionais, e sim, múltipla e transcultural como as tendências atuais, por meio do reconhecimento da multiplicidade das diversas regiões que constituem o estado de Mato Grosso: o cerrado, o pantanal, a Amazônia, o Araguaia e a Baixada cuiabana. Para isso, foram selecionados selecionamos três poetas para identificarmos, tal como aponta Bosi, “a costura dessa experiência individual com a vivência coletiva” (2000, p. 20), ou seja, como que, metaforicamente, dentro da expressão individual de cada artista é possível resgatar a formação identitária de um estado, quais são as recorrentes formas e traços que anunciam o espaço as cores e imagens tão peculiares ao local vivido. Do mesmo modo, como essas expressões poéticas dialogam com formas, temas e estruturas consagrados pela tradição e valorizados pelo cânone literário.

Toma-se como partida as orientações apresentadas por Hilda Gomes Dutra Magalhães, na obra *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX* (2001), quando a pesquisadora esclarece:

Para fins desse trabalho, entendemos por literatura mato-grossense os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura Estado. Por “Mato Grosso” entendemos o estado indiviso até a década de 1970, após o que, levamos em conta apenas a unidade norte, por entendermos que, embora apresentem em princípio, aspectos semelhantes, a partir da divisão os dois estados tendem a acentuar suas diferenças culturais, apresentando ritmos e traços diferenciados de desenvolvimento. (2001:18)

Torna-se importante destacar esses elementos históricos e conceituais visto que, de fato, há marcas que distinguem a produção dos estados a partir da referida década de 70 e a literatura produzida em Mato Grosso passa a se alimentar dos elementos que constituem como um todo.

A partir dessa delimitação, inicia-se a proposta dos arcabouços teóricos que alicerçam este trabalho.

### **Aspectos da fundamentação teórica**

O título do projeto evidencia sua maior base teórica, a questão da transculturação. Sendo assim, entende-se como transculturação, o fenômeno que “sugere o duplo movimento de assimilação e resistência que, além de agenciar o princípio de ‘plasticidade cultural’ (produtivo intercâmbio entre as partes envolvidas), constitui uma criativa resposta do continente latino-americano à modernidade europeia.” (Fantini, 2001:78). Sendo assim, o trânsito promovido pelo artista enquanto sujeito transculturador, dialoga tanto com a cultura local, regional de sua vivência, quanto à cultura da tradição europeia, fortemente marcada pelo cânone ou por obras clássicas.

Sugerido também por Fernando Ortiz (1983), o termo veio sofrendo alterações ao longo de sua aplicação e hoje pode ser também relacionado a transformações culturais que implicam na presença de diferentes representações culturais, não necessariamente com a participação de conflitos; pode consistir apenas em um fenômeno de enriquecimento cultural.

Ángel Rama avalia o conceito desenvolvido por Ortiz e afirma que “a redescoberta de valores muito primitivos, quase esquecidos dentro do sistema cultural próprio, a tarefa seletiva é posta em prática acima da tradição.” (2001:265). Esses valores primitivos se fazem presentes também auxiliados pela tradição, mas não apenas isso, o autor continua:

É de fato uma busca de valores resistentes, capazes de enfrentar as deteriorações da transculturação, razão pela qual também podem ser vista como uma tarefa inventiva, como uma parte da neoculturação de que fala Fernando Ortiz, trabalhando simultaneamente com as duas fontes culturais postas em contato. Haveria, pois, perdas, seleções, redescobertas e incorporações. Estas quatro operações são concomitantes e se resolvem todas

dentro de uma reestruturação geral do sistema cultural, que é a função criadora mais alta desenvolvida dentro de um processo transculturador. (Rama, 2001:265)

Sendo assim, as culturas regionais sofrem processos de mudança frente elas mesmas, frente à tradição, ao contexto e a modernização, ou para a atualidade, frente à pós-modernidade.

Já o elemento contemporâneo selecionado pelo projeto abriga a questão da pós-modernidade em duas vertentes fundamentais: a divisão do termo pós-moderno e a ideia de resistência proposta por Bosi e a problemática da identidade apresentada por Hall.

Ao desdobrar o termo pós-moderno, Bosi enfatiza dois vertentes, uma primeira denominada *plus*-moderno, na qual:

O efeito-dispersão vem da pletera de objetos de prazer e de interesse que o mercado lança ao homem culto e ao consumidor de bens simbólicos sequiosos de novos assuntos. A massa de bits disponíveis sobre um número alto de matérias exploráveis gera um cogumelamento de sub-áreas de especialização. Folhear uma revista de difusão científica, o catálogo de uma grande editora americana ou francesa, ou o elenco de disciplinas e eventos de uma universidade moderna produz vertigens e depressões cognitivas. A informatização urge então como remédio para aliviar a sensação de cos que a sarabanda de mensagens acorda até no mais glutão dos leitores; ao mesmo tempo, o uso do computador funciona como um convite para crescer, *ad infinitum* e *ad libitum*, programas, acervos, memórias e arquivos. (1992:351)

Esse aspecto acelerado e vertiginoso dessa faceta pós-moderna produz um antídoto, um movimento de autodefesa e raciocínio diante de um mundo fermentado pela violência, pela simplificação mental e repetidas vezes inconsciente. Essa autodefesa se configura na segunda proposta pós-moderna, a qual trará o signo da negatividade por meio do uso do termo *anti*-moderno. Seu início pode ser mapeado através de acontecimentos históricos mundialmente conhecidos:

A revolução mundial do verde, que tomou impulso precisamente na década de 70, radicaliza-se contra os efeitos da industrialização cega e suja. Three Miles Island e Chernobyl foram catástrofes de alta visibilidade, mas não piores do que a disseminação do lixo atômico, as manchas ácidas, o efeito estufa, o envenenamento das águas, o risco dos agrotóxicos, o inferno das megalópoles. (Bosi, 1992:355)

A dialética existente no termo “pós-moderno” também pode ser reconhecida de forma pontual no Brasil, Bosi assim identifica:

Não foi por acaso que se instaurou, no cerne da inteligência dos anos 70, uma cultura de resistência [...]. A resistência prossegue apesar dos altos e baixos conjunturais. Meio ambiente, Direitos Humanos, Democracia como valor substantivo, Desarmamento, Renda mínima universalizada... Dir-se-ia que a luta para salvar as relações fundamentais entre o homem e a natureza, o homem e o homem, originou-se de uma reação interna às sociedades industriais contemporâneas que emitem anticorpos contra a patologia da modernização. (Bosi, 1992:360)

A cultura da resistência instaura-se em resposta ao desatino acelerado e descompassado do primeiro termo e, uma das suas formas mais contundentes vem por meio da desprezada voz da poesia. Contudo, mediante ao processo de massificação e alienação instaurado pela delirante ordem de velocidade e consumo, a poesia tem estado distante das massas. Paul Valéry já denunciava este prejuízo: “Quase nada pode ser falado sobre a “Poesia” que não seja diretamente inútil a todas as pessoas em cujas vidas íntimas essa força singular que faz desejá-la ou produzir-se como um apelo inexplicável de seu ser ou então como sua resposta mais pura.” (2007:170). Contudo, a poesia...

resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, ‘esta coleção de objetos de não amor’ (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. (Bosi 2000:169)

A força da poesia vem na resistência do embate, uma vez que:

A luta é, às vezes, subterrânea, abafada, mas tende a subir à tona da consciência e acirrar-se porque crescem a olhos vistos, as garras do domínio. Em termos quantitativos, nunca foram tão acachapantes o capital, a indústria do veneno e do supérfluo, a burocracia, o exército, a propaganda, os mil engenhos da concorrência e a persuasão. (Bosi, 2000:169-70)

Neste espírito de luta, o artista contemporâneo busca imprimir sua identidade ou sua marca na sua criação, a poesia, necessariamente considera os elementos imprescindíveis para a constituição dessa identidade; para esta pesquisa, o segundo ponto crucial do seu desenvolvimento, a formação identitária. Stuart Hall chama a atenção para os elementos que convergem neste processo:

[aos] **recursos da história, da linguagem e da cultura** para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa

**representação** afeta a forma de como nós podemos **representar a nós próprios**. (Hall, 2009:109, grifos nossos)

A história, a linguagem e a cultura que servem de base para nos representar, tal como afirma Hall, são circunscritos a um espaço determinado, são condicionados a uma geografia específica. No fazer poético e na composição de imagens e figuras que anunciam um local ou espaço, se estabelece a tessitura de todos os elementos impregnados das marcas geográficas, que somados, criam uma identidade, diferenciando de qualquer outro. Desse modo, “identidade e diferença são criaturas da linguagem”, como assevera, Silva:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (Silva, 2009:76)

Vale ressaltar ainda “Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem.” (Silva, 2009:76). Desse modo, o fazer poético em toda a sua inventividade e verossimilhança pode representar um todo coletivo, mesmo que ele seja múltiplo. Pensando ainda na ideia de criação, Silva argumenta: “A definição da identidade brasileira, por exemplo, é resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.” (2009:77)

Organizados, portanto, dentro, principalmente, do amparo desses pressupostos teóricos que serviram como linhas norteadoras das escolhas dos artistas e dos poemas, segue, agora, a apresentação dos poetas da atualidade que reverenciam o espaço, as cores e as formas, em suas inúmeras facetas que representam e falam do estado de Mato Grosso.

## **Os poetas e os poemas**

Em 1968, chega ao Brasil, Dom Pedro Casaldáliga, nascido em 1928 na Espanha, fixou residência em São Félix do Araguaia-MT, onde exerce a função de Bispo na Prelazia. O referido ano carrega as marcas da ditadura militar e o movimento de ocupação na Amazônia. Casaldáliga atua na defesa dos direitos humanos nesse período. Adepto e teórico da Teologia da Libertação, justificada por Leonardo Boff, uma nova vertente da Igreja Católica, propõe uma revolução espiritual que culmina em uma participação ativa do povo na sociedade e na Igreja. Como poeta, sua voz denuncia os maus tratos com o povo e com a terra, o Rio Araguaia surge de forma mítica e os mitos judaico-cristãos surgem atrelados em meio a outras culturas.

Foram selecionados três poemas de Pedro Casaldáliga na tentativa de apreender os valores contemporâneos dessa identidade:

### Confissão de Latifúndio

Por onde passei,  
plantei  
a cerca farpada,  
plantei a queimada.  
Por onde passei,  
plantei  
a morte matada.  
Por onde passei,  
matei  
a tribo calada,  
a roça suada,  
a terra esperada...  
Por onde passei,  
tendo tudo em lei,  
eu plantei o nada.

(2006:67)

Sendo o ato de confessar, uma prática de exame de consciência com o objetivo de se purificar para alcançar a bênção do perdão, o poema retoma este ato e o contextualiza, generalizando na ação de toda uma classe, a dos latifundiários. Suas ações são todas negativas, todas vão contra a natureza e a alteridade, contudo, há a convivência da lei, que ainda ampara os mais fortes. O paralelismo das estruturas denuncia o movimento “passei” e a ação “plantei”, contudo, o resultado negativo é

descrito por meio dos participios adjetivados que resultam em consonância rítmica da repetição em “- *ada*”: *queimada, calada, matada...* até coincidir com o vazio maior do último verso “eu plantei o *nada*”.

O segundo poema tem o título “E o verbo se faz classe”:

No ventre de Maria  
Deus se fez homem.  
Mas, na oficina de José  
Deus também se fez classe.  
(2006:43)

Ao retomar o texto bíblico e substituir a palavra “carne” por “classe”, o poeta ilustra os ideais da Teologia da Libertação por meio das oposições construídas nos versos. O Deus divino declina-se em humano e também classe; a ação de “fazer” pode ser desdobrada no sentido divino, enquanto atividade sobrenatural, milagrosa, de fé: ventre / Maria / homem; e no sentido humano, enquanto labor, trabalho, realização pragmática: oficina / José / classe. A conjunção adversativa surge como um chamativo que adverte ao leitor da condição humana de Deus, ao lado, do tantas vezes esquecido e até mesmo desprezado José.

Já o terceiro, “Oração da causa negra”, o poema-oração de Casaldáliga inspira reflexão, denúncia e transformação por meio da palavra-viva. Observa-se as questões do multiculturalismo adentrando o universo da religião, em um mistura que valoriza de forma igualitária as diferentes saudações religiosas:

Ó Deus sempre negro e até branco às vezes,  
Deus de todas as cores e de nenhuma cor,  
proximidade fraterna em Jesus de Nazaré  
e sempre mistério insondável:  
Concede ao Povo negro,  
desta nossa Afroamérica  
e da África Mãe  
e de todo o mundo,  
a perseverante lucidez  
de seus ancestrais, matriarcas e patriarcas,  
e a teimosa resistência de seus lutadores e mártires,  
para conquistarem plenamente seus direitos  
como pessoas e como Povo;  
e concede-nos a todos – de todas as cores –  
uma infinita negra solidariedade.  
Axé, Amém, Aleluia!



(2005:97)

O desejo e a utopia de integração sem preconceitos por causa da cor sugerem um Deus negro, “Deus de todas as cores e de nenhuma cor”. A harmonização desse desejo integra-se à palavra poética que inclui o termo “Axé”, usado no candomblé e umbanda e que significa uma saudação com o sentido de energia, paz, comunhão. O processo de inclusão já se instaura aqui, na utilização de um vocábulo que, dentro da igreja, poderia causar constrangimento frente ao uso do termo comumente relacionado às religiões africanas, manifestações culturais e religiosas tantas vezes censuradas pela Igreja Católica.

A contribuição do poeta para a produção de poesia em Mato Grosso revela que:

Na poética de Casaldáliga sobressai um discurso em que não há convites à transcendência; não há fugas, tampouco hermetismo. A voz que fala tem urgência de soluções em um tempo presente. Seu misticismo prega no máximo o retorno a um tempo de origem em que o homem ainda está em harmonia com Deus e com a Natureza. O poeta não se limita à denúncia do mundo pecaminoso e profanado, mas se compromete com os homens esquecidos pelos homens, na denúncia de um mundo onde o capitalismo gerou violência e a terra permanece como a Terra prometida em um sonho profético. (Silva, 2008:9)

Dessa forma, a poesia engajada e a voz da resistência ganham corpo na poesia de Dom Pedro Casaldáliga, dentro de uma contribuição que envolve os desfavorecidos de vários aspectos da sociedade a serem lembrados nem que seja pelo viés poético.

O segundo artista selecionado para este trabalho é o Aclyse de Mattos. Aclyse de Mattos é cuiabano, estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro e, atualmente, é professor em Cuiabá. O percurso de sua vivência propiciou este trânsito anunciado por Rama e que se presentificou em sua poética. O duplo movimento da transculturação, de assimilação e resistência, como assevera Fantini, são trazidos por Mattos nesta obra, ao transportar para sua poesia a força mítica e mística da figura da Lua e do ciclo sazonal. Já a resistência é evidenciada ao imprimir valor, contorno e cor ao espaço local figurativizado pela presença dos elementos culturais e geográficos produzidos em Mato Grosso. Foram selecionados também dois poemas da obra *Quem muito olha a lua fica louco* (2000).

A homenagem ao Pantanal vem figurativizada no poema abaixo:

A  
garça  
e  
s  
t  
i  
c  
a  
-  
s  
e  
toda  
olhos e  
atenção  
quando  
costura  
mais um  
peixe no  
lago  
b p  
o r  
r e  
d g  
a a  
n n  
d d  
bot ões \_\_\_\_\_  
(Mattos, 2000:12)

O jogo lúdico entre os espaços em branco do papel e os caracteres em preto minuciosamente escolhidos para a formação da imagem que recupera a figura do pássaro revela a capacidade de abstração, leveza e iconicidade do poeta. Nesse processo de abstração, até a experiência pessoal dialoga com o ciclo da natureza impregnada no espaço geográfico que o identifica, como se constata no trecho do poema abaixo:

As chuvas cinzas-azuladas  
do janeiro em que você nasceu  
ficaram nos seus olhos  
por um bom tempo  
serenos, infantis  
como dois filhotinhos de lago  
meu amado, bem vindo e esperado  
filho

Thiago

(2000:60)

A obra ainda faz referências às paisagens, natureza e cultura próprias de Mato Grosso. O ciclo sazonal da região evidencia-se pela presença de duas estações: a chuva e a seca. Tal como se pode observar nos versos selecionados abaixo, em recortes feitos de diferentes poemas:

O inverno de Mato Grosso é segura.

A neve de Mato Grosso é poeira.  
Cidades, vilas, malocas  
ficam durante três meses  
recobertos de poeira.  
(2000:71)

Como ameaça  
a primeira chuva  
após a seca,  
todo um balé de folhas  
dança desprendendo-se das árvores  
Antes da chuva de água  
sinta no rosto  
essa chuva de folhas  
(2000:72)

Nesses recortes notam-se a figurativização das estações que marcam a região do Mato Grosso. A seca carrega consigo a poeira e, em comparação a outros lugares, onde o inverno é sinônimo de neve e chuva, eles surgem como substitutos, evidenciando os indícios do ciclo que no estado se estabelecem. Após a seca, aparece a chuva, mas antes dela, enormes rajadas de vento as anunciam, tal como o segundo poema revela: “todo um balé de folhas” ou “antes da chuva de água / sinta no rosto / essa chuva de folhas”.

Pode-se afirmar que, Acllyse de Mattos é uma das vozes poéticas mais importantes da poética contemporânea produzida no estado de Mato Grosso.

Nossa terceira e última poeta é a escritora Marli Walker. Sua obra *Águas de encantação* (2009) mergulha tanto no universo feminino quanto na sedução do espaço cenário específico de cores e sabores do Mato Grosso. É o que se pode apreender do poema abaixo:

Sorvete de cupuaçu  
Sorvendo o creme macio  
Derreto o medo de ver  
Na polpa nua da fruta  
Teus olhos a me lambar  
Paladar servido ao meio  
Não sacia por inteiro  
Teu anseio a escorrer  
Desejo que já degusta  
Fruta, calda e prazer...  
(2009:87)

O saborear da fruta típica da região suscita prazeres que vão além do gustativo e sugerem o contato de um homem e uma mulher ao buscarem um ao outro para o jogo da sedução.

No poema a seguir, outra figura marcante se projeta:

Segredo  
Hoje o sol delimitou  
Os meus pedaços mulher  
Deixou brancos os espaços  
Do poema mal-me-quer  
Tatuou em mim sinais  
De poesia feminina  
Verso claro que fascina...  
E nessa marca sumária  
De moreno deslimite  
Sou rascunho de candura  
Sou metáfora convite...  
E o que era só rasura  
É bronzeado segredo  
É metáfora sem medo  
É teu raio... sem limite...

(2009:25)

Mais uma vez, a sedução e o universo feminino se fazem presente. Aqui o sol se desdobra no “moreno”, no “bronzeado” e no “raio” e reproduzem o contorno de um corpo de mulher que ora se revela e ora se esconde. As cores preenchem o branco e delineiam o convite para o olhar.

Ainda nesta temática sedutora, o encontro amoroso acontece no poema “Fetiche”:

Tatuar minha linguagem  
Na tua pele marrom  
O teu tom na minha boca  
Meu desejo na tua mão  
A minha espera mais louca  
Se entrega pra marcação  
Sinais morenos de vento  
Desenho feito por dentro  
(\* ) !  
Poesia  
Mel

Alimento!

(2009:35)

Walker vale-se da conjunção sensorial dos vários sentidos para envolver seu leitor em um universo de encantamento e sedução. A palavra é usada para promover sensações, gostos, toques, em um jogo marcado pelo universo da feminilidade.

### **Considerações finais**

O Mato Grosso tem configurado no cenário nacional apenas em duas vertentes antagônicas: como celeiro do país ou como o maior desmatador de florestas. Essas são as únicas duas identidades culturais que refletem a cultura do povo e do local aqui habitados? Mas será que é apenas nessas duas projeções que podemos reconhecer a cultura produzida nesse estado? Qual resultado desencadeou, em termos culturais, o processo migratório que ainda hoje se acentua nesta região? Foi no propósito de responder a essas perguntas, que este projeto se lançou.

Vale ressaltar que os centros universitários não têm dado conta de registrar e avaliar as produções contemporâneas sem o auxílio das agências de fomento à pesquisa ou às leis de incentivo à cultura produzida no estado. Somente por essas vias que as universidades periféricas podem buscar o diálogo atualizado com as universidades do centro do país e também do exterior. A preocupação pela excelência da pesquisa no âmbito cultural e a democracia no investimento entre as áreas só são viabilizadas quando há a abertura para a pesquisa e fomento para sua divulgação.

Pode-se identificar também que, as tendências identitárias da contemporaneidade revelam-se híbridas devido ao movimento da transculturalidade. O trânsito entre as culturas permite ao artista, no papel de sujeito transculturador, participar da cultural local e, ao mesmo tempo, relacionar-se com as outras culturas. No jogo entre identidade e diferença, Hall (2009) salienta que a marca da diferença por meio de um “eu performativo” passa pelo sistema de representação cultural, ou seja, uma cultura nacional é compartilhada de forma coletiva e simbólica gerada a partir dos discursos que sugerem uma certa lealdade a essa ideia de identificação.

Desse modo, apesar de uma produção poética recente no estado de Mato Grosso, já é possível organizá-la dentro de eixos temáticos que consolidam uma certa recorrência na valorização da geografia local com todos os seus elementos peculiares, sejam eles para um engajamento social por conta do espaço físico ocupado ou pela especificidade projetada pela peculiaridade do ciclo sazonal.

A questão da terra e sua ocupação vem fortemente marcada pela poesia engajada de Casaldáliga. Seus desdobramentos míticos, consolidados na mitologia judaico-cristã, desce ao rés do chão e dá ao mito um contexto histórico com marcas das diferentes culturas que em um movimento híbrido, se misturam e se projetam por meio da multiculturalidade, ou seja, as muitas e diferentes culturas são representadas em um amálgama idealizado pelo mito.

O ciclo sazonal reduzido à chuva e à seca são assinaladas na poesia de Aclyse de Mattos. O movimento arquetípico que delas emergem promovem figuras de identidade de experiência individual e coletiva. Além do jogo e da brincadeira com as palavras ao criar com elas o desenho de uma garça, ave que povoa a região e encanta os moradores. Desse modo, o artista transita entre as figuras que evocam os seres e as paisagens características do estado. A capital Cuiabá, o pantanal, o ciclo sazonal e a biodiversidade que marcam a diferença nas regiões mato-grossenses ganham destaque na poesia de Mattos.

A voz feminina de Marli Walker seduz e arrebatada o leitor por meio das palavras que produzem gestos, gostos e sensações. O sol quente e marcante também produz sombra e frescor para a sua poesia. O norte do estado é por ela sinalizado através de cores de vão do amarelo do sol ao marrom do moreno e da sombra. A metalinguagem também se presentifica no som de suas palavras.

Podemos concluir que, assim como a biodiversidade marcante no gigantesco estado, a diversidade também se reflete na temática da poesia produzida em Mato Grosso, contudo, quando se pensa na formação identitária e no modo como ela se projeta na representação artística, nota-se um apego ao local, à fauna e à flora, ao ciclo sazonal.

Os mitos são revisitados e ganham contornos locais, são engajados na luta dos povos que estão à margem de uma sociedade capitalista e corrupta.

Por conseguinte, a literatura contemporânea produzida em Mato Grosso além de refletir seus aspectos mais particulares, também dialoga com elementos provindos da

tradição literária e do cânone, exercitando o duplo movimento de assimilação e resistência previsto no processo de transculturação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, Flavio Wolf de. Vasconcelos, Sandra Guardini T. (Org.). 2001. *Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina*. Tradução de Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo.

Bosi, Alfredo. 1992. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.

———. 2000. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Calvino, Italo. 1990. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras.

Casaldáliga, Pedro. 2005. *Orações da Caminhada*. Campinas: Verus.

———. 2006. *Versos Adversos: Antologia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Fantini, Marli. 2003. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens e passagens*. Cotia: Ateliê; São Paulo: Ed. Senac.

Hall, Stuart. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Magalhães, Hilda Gomes Dutra. 2001. *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações.

Mattos, Aclyse. 2000. *Quem muito olha a lua fica louco*. Cuiabá: Oficina Mínima.

Precioso, Adriana Lins. 2011. A voz da resistência na poesia de Dom Pedro Casaldáliga. *Revista Terra Rouxa e outras terras*.

Silva, Tomaz Tadeu da (org.). 2009. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes.

Silva, Rosana Rodrigues da. 2008. Tempos de Libertação na Poética de Pedro Casaldáliga. *Revista Norte@mentos 1* (2008): 1-11. Disponível em [http://projetos.unemat-net.br/revista\\_norteamentos/arquivos/001/artigos/artigo\\_rosana\\_norte.pdf](http://projetos.unemat-net.br/revista_norteamentos/arquivos/001/artigos/artigo_rosana_norte.pdf). Acesso em 30 jun. 2015.

Valéry, Paul. 2007. Questões de poesia. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras.

Walker, Marli. 2009. *Águas de encantação*. Sinop: Editora da Unemat.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Boff, Leonardo. 1990. *Nova evangelização: Perspectiva dos Oprimidos*. Petrópolis: Vozes.

Casaldáliga, Pedro & José Maria Vigil. 1993. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes.

Hollanda, Heloísa Buarque. (Org.) 1992. *Pós-modernismo e política*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Hutcheon, Linda. *Poética do pós-moderno*. 1993. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.